

OLGA E ELZA, VOZES SILENCIADAS OLGA Y ELZA, VOCES CALLADAS¹

Janaína de Azevedo Baladão²

Resumo: Este artigo se propõe a analisar as obras *Olga* (1985), de Fernando Morais, e *Elza, a Garota: a história da jovem comunista que o Partido matou* (2009), de Sérgio Rodrigues. As personagens históricas Olga Benario e Elvira Cupello Calônio, também conhecida como Elza ou a Garota, fazem parte de um evento traumático brasileiro que volta à tona nestas duas narrativas. Ambas as obras apresentam como tema central o acontecimento histórico conhecido como Intentona ou Insurreição Comunista, bem como abordam a vida de duas figuras femininas até então pouco visíveis. Ao levar em consideração que a teoria da memória cultural proposta por Jan Assmann, em *Religión y memoria cultural, diez estudios* (2008), investiga o texto para reconfigurar o passado, pretende-se fazer um breve estudo das duas obras como legados pertencentes à memória, colocando em evidência o que estava reprimido, silenciado e esquecido em nossa história.

Palavras-chave: *Olga; Elza, a Garota;* Literatura; História; Memória.

Resumen: Este artículo se propone a analizar las obras *Olga* (1985), de Fernando Morais, y *Elza, la Chica: la historia de la joven comunista que el Partido mató* (2009), de Sérgio Rodrigues. Los personajes históricos Olga y Elvira Cupello Calônio, también llamada de Elza o la Chica, forman parte de un evento traumático brasileño que vuelve a la escena en estas dos narrativas. Ambas obras presentan como tema central el acaecimiento histórico conocido como *Intentona o Insurreiçãõ Comunista*, así como abarcan la vida de dos figuras femeninas hasta entonces poco visibles. Al tener en cuenta que la teoría de la memoria cultural propuesta por Jan Assmann, en *Religión y memoria cultural, diez estudios* (2008), investiga el texto para reconfigurar el pasado, se intenta hacer un breve estudio de las dos obras como legados pertenecientes a la memoria, evidenciando lo que estaba reprimido, callado y olvidado en nuestra historia.

Palabras clave: *Olga; Elza, la Chica;* Literatura; Historia; Memoria

Muito antes da chegada dos europeus, o Brasil vem somando eventos traumáticos que constantemente são esquecidos ou reprimidos, mas que voltam à tona em determinados momentos de sua história. Relatos que abarcam a antropofagia, o genocídio, a escravidão, o massacre de indígenas, as revoltas, a degola, a ditadura, a intolerância religiosa e racial, apenas para citar alguns exemplos, podem desaparecer do repertório habitual da memória, como se de fato estivessem esquecidos, ou apresentar versões tão divergentes, que se afastam, em maior

¹ Este trabalho foi apresentado para a disciplina Memória Cultural, ministrada pela Profa. Dra. Regina Zilberman, em outubro de 2009, no Programa de Pós-Graduação em Letras da UFRGS.

² Tradutora, doutoranda em Literaturas de Língua Espanhola na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: janabaladao@uol.com.br.

ou menor grau, do fato original, tornando esses eventos flutuantes e passíveis de serem relacionados semanticamente, de forma diacrônica, a outros eventos.

Um exemplo recente diz respeito ao ano de 2009: o ritual de comer a carne do inimigo guerreiro para adquirir seu poder e conhecimento relatado no século XVI, nas crônicas dos europeus, voltou à cena no caso dos índios suspeitos e acusados de esquartejar um jovem na região do Amazonas. Em outro extremo, a modernidade parece facilitar a integração com temas antigos, ainda que seja com outra roupagem, suscitando novo debate sobre a ética do que se pode permitir veicular e mostrando como estamos mais expostos do que pensamos. Os casos de antissemitismo, a despeito de todas as tentativas de repressão, proliferam-se em movimentos neonazistas, usando como suporte uma ferramenta direcionada para aproximar pessoas: os *sites* de relacionamento na Internet.

Em *Religión y memoria cultural, diez estudios* (2008), o egiptólogo e teórico Jan Assmann explica que “a memória cultural é complexa, pluralista e labiríntica; engloba uma série de memórias vinculantes e identidades plurais diferentes no tempo e no espaço, e dessas tensões e contradições extrai sua própria dinâmica” (2008, p. 50).³ Conforme afirma Assmann, como a memória cultural admite a vinculação de um grupo sem a necessidade de levar em consideração fatores como tempo e espaço, na verdade, ela reconstrói apenas as cenas que cada sociedade considera necessárias, de acordo com sua situação particular e presente. Nesse sentido, a memória não armazena o passado como um bloco e a única forma de conservá-la para futuras gerações seria configurá-la simbolicamente, para restabelecer, em novos contextos, aquilo que foi produzido em um tempo e lugar remotos e que foi perdido por lógica todo laço de imediatidade.⁴ Dessa forma, a teoria da memória cultural põe em evidência uma textualidade do passado e a memória une o intervalo entre o “então” e o “agora”.

Tomando por base o conceito formulado por Hans Georg Gadamer, em relação à hermenêutica, que diz que “o ser que pode ser compreendido é a linguagem”, Assmann propõe que a teoria da memória cultural pode ser postulada, em linhas gerais, da seguinte forma: “o ser que pode ser compreendido é o texto” (Assmann, 2008, p. 15-6), o que significa dizer que a característica que define a memória cultural é o instrumento da escrita. Como a teoria da memória cultural examina as condições que fazem a constituição e tradição do texto em si, levando em consideração o papel do passado e a forma como este se apresenta para o indivíduo, bem como as motivações que o alimentam, propomos, neste artigo, repensar duas persona-

³ Todas as traduções das citações, neste artigo, do texto *Religión y memoria cultural, diez estudios*, de Jan Assmann, são traduções nossas.

⁴ Cf. Assmann, 2008, p. 10.

gens da história e da literatura brasileira, que por muito tempo estiveram relegadas a poucas linhas de reflexão: Olga Benario e Elvira Cupello Calônio.

Partimos de dois textos: *Olga*, de Fernando Morais, lançado em 1985, e *Elza, a Garota: a história da jovem comunista que o Partido matou*, de Sérgio Rodrigues, publicado em 2009, que em comum apresentam como mote central o acontecimento histórico conhecido como Intentona ou Insurreição Comunista. Não bastasse esse dado de intersecção, ambos os escritores exercem o ofício de jornalista e os títulos de seus livros remetem a personalidades femininas até então pouco visíveis. Se Fernando Morais propõe uma biografia que “relata fatos que aconteceram exatamente como estão descritos” (Morais, 1994, p. 9), Sérgio Rodrigues oferece uma obra híbrida, que oscila entre o romance e a crônica, com inserções jornalísticas intercaladas ao longo da narrativa. Embora escolham caminhos narrativos diversos, ao cotejar as duas obras, percebemos que Rodrigues incorpora a de Morais, incluindo-a textualmente. Segundo Rodrigues, *Olga* é, em última instância, “uma reportagem romanceada de grande sucesso” (Rodrigues, 2009, p. 109).

Para compreender *Olga* e *Elza*, os autores se valeram de uma minuciosa descrição e análise da época em que Prestes liderou, em nome da Aliança Nacional Libertadora, organização liderada pelo Partido Comunista do Brasil, o golpe fracassado de 23 de novembro de 1935, que derrubaria o governo de Getúlio Vargas. Uma revolta meteórica que “começou às três horas da madrugada e acabou à uma e meia da tarde” (Morais, 1994, p. 93), mas que ocasionou uma onda de contenção que levou a centenas de prisões, a uma repressão avassaladora e à tortura de militantes, simpatizantes, esquerdistas, liberais e muitos outros não envolvidos diretamente com o golpe. As cenas de repressão seriam sufocadas, mas não completamente esquecidas. Vale lembrar que esse evento traumático ressurgiria anos mais tarde: a campanha contra o comunismo que atormentou e gerou o medo no Brasil das décadas de 1930 e 40 voltaria com toda a força na ditadura. A discussão sobre Prestes e o Partido Comunista, o fracasso do golpe e as divergências entre os documentos, tomam boa parte das duas narrativas. Tanto *Olga* como *Elza* transitam nas duas obras, mas na verdade não escutamos suas vozes, pelo menos não de uma forma contundente. Talvez isso se deva ao fato de serem escassas as informações que se refiram exclusivamente a elas, apesar da quantidade de documentos disponíveis sobre esse período histórico e seus desdobramentos. Contudo, *Olga* e *Elza* oferecem um amplo espaço de discussão sobre como se apresenta, diante de nós, nosso passado.

É com a leitura de *Olga* que temos ingresso a informações que vão caracterizando a personagem. Nascida Olga Gutmann Benario, filha de um advogado de Munique, Leo Benario, educada em boas escolas, ao longo de sua vida assumiu identidades mutantes, tais como a *Revista Literatura em Debate*, v. 4, Dossiê Especial, p. 40-48, jan., 2010. Recebido em 25 out.; aceito em 10 nov.

de Maria Bergner Vilar, Olga Vilar, Yvonne Vilar, Maria Prestes, Eva Krüger, Frieda Wolf Behrendt, Maria Meirelles e Olga Sinek. Apesar de tantos nomes assumidos, foi como Olga Benario Prestes que entrou para a história. Olga foi uma militante alemã, agente do Partido Comunista, preparada física e intelectualmente para uma revolução que pretendia mudar o cenário mundial. Ao receber a incumbência de proteger Luís Carlos Prestes, o Cavaleiro da Esperança, trasladou-se para o Brasil, transformando-se em seu braço direito.

Em meio aos acontecimentos sociais e políticos, a trajetória de Olga se tornou dramática: foi presa, torturada e condenada à morte, ao ser deportada para a Alemanha. Na época, as tentativas de mobilizar a opinião pública fracassaram: ela não recebeu o indulto e foi enviada grávida de sete meses a sua terra natal, enquanto Prestes amargaria ainda alguns anos de prisão em celas brasileiras. De origem judaica, Olga não teve a menor chance no governo de Hitler, terminando sua vida em uma câmara de gás em um dos muitos campos de concentração nazistas. A filha do casal, Anita Leocádia, contudo, felizmente teve um destino diverso: foi resgatada, em 1938, por intervenção de dona Leocádia e de Lygia, mãe e irmã de Prestes, que não apenas estiveram à frente de campanhas internacionais para defender a vida de Prestes, de Olga e de Anita Leocádia, como também de todos os presos políticos no Brasil.

Fernando Moraes utiliza depoimentos, entrevistas, documentos de arquivos oficiais, jornais, revistas, periódicos e livros para refazer a trajetória de Olga, e suas fontes estão citadas no final do livro. Em meio a leitura, muitas imagens e documentos são anexados, dando fê da narrativa. Apesar de explicar que as recriações “referem-se sempre a cenários de determinados fatos – nunca a fatos em si” (Moraes, 1994, p. 14), na narrativa, a lacuna de não ter o depoimento e a reflexão da própria Olga sobre os eventos vai sendo preenchida por sentimentos e pensamentos que são designados a ela, aproximando a biografia ao romance. Basicamente, toda a construção se sustenta em fatos que circundam o momento sociopolítico brasileiro e somente na página 190 teremos Olga em primeira pessoa.

Nesse ponto, é inserida uma carta dirigida a Dona Leocádia, informando sobre o nascimento de Anita Leocádia e de sua situação na prisão. A esta, sucedem-se outras cartas que tornam Olga tema realmente central até o final da obra. É justamente nas últimas páginas que temos a cena mais tocante do livro, a carta de despedida de Olga, momentos antes de ser levada de Ravensbrück a Bernburg, hospital psiquiátrico que fora transformado em local de extermínio. Sem ter certeza do futuro que lhe aguardava, escreveu:

Queridos:

Amanhã vou precisar de toda a minha força e de toda a minha vontade. Por isso, não posso pensar nas coisas que me torturam o coração, que são mais caras que a minha própria vida. E por isso me despeço de vocês agora. É totalmente impossível para mim imaginar, filha querida, que não voltarei a ver-te, que nunca mais voltarei a

estreitar-te em meus braços ansiosos. Quisera poder pentear-te, fazer-te as tranças – ah, não, elas foram cortadas. Mas te fica melhor o cabelo solto, um pouco desalinhado. Antes de tudo, vou fazer-te forte. Deves andar de sandálias ou descalça, correr ao ar livre comigo. Sua avó, em princípio, não estará muito de acordo com isso, mas logo nos entenderemos muito bem. Deves respeitá-la e querê-la por toda a tua vida, como o teu pai e eu fazemos. Todas as manhãs faremos ginástica... Vês? Já volto a sonhar, como tantas noites, e esqueço que esta é a minha despedida. E agora, quando penso nisto de novo, a ideia de que nunca mais poderei estreitar teu corpinho cálido é para mim como a morte.

Carlos, querido, amado meu: terei que renunciar para sempre a tudo de bom que me destes? Conformar-me-ia, mesmo que não pudesse ter-te muito próximo, que teus olhos mais uma vez me olhassem. E queria ver teu sorriso. Quero-os a ambos, tanto, tanto. E estou tão agradecida à vida, por ela haver me dado a ambos. Mas o que eu gostaria era de poder viver um dia feliz, os três juntos, como milhares de vezes imaginei. Será possível que nunca verei o quanto orgulhoso e feliz te sentes por nossa filha?

Querida Anita, meu querido marido, meu Garoto: choro debaixo das mantas para que ninguém me ouça, pois parece que hoje as forças não conseguem alcançar-me para suportar algo tão terrível. É precisamente por isso que esforço-me para despedir-me de vocês agora, para não ter que fazê-lo nas últimas e difíceis horas. Depois desta noite, quero viver para este futuro tão breve que me resta. De ti aprendi, querido, o quanto significa a força de vontade, especialmente se emana de fontes como as nossas. Lutei pelo justo, pelo bom e pelo melhor do mundo. Prometo-te agora, ao despedir-me, que até o último instante não terão porque se envergonhar de mim. Quero que me entendam bem: preparar-me para a morte não significa que me renda, mas sim saber fazer-lhe frente quando ela chegue. Mas, no entanto, podem ainda acontecer tantas coisas... Até o último momento manter-me-ei firme e com vontade de viver. Agora vou dormir para ser mais forte amanhã. Beijos pela última vez.

Olga

(Morais, 1994, p. 239-40)

O envio de Olga para a Alemanha e a longa indefinição do Brasil em posicionar-se em relação à Segunda Guerra, que somente escolheu o lado dos Aliados (representado por França, Reino Unido, União Soviética, China e Estados Unidos), opondo-se ao Eixo (da Alemanha, Itália e Japão), em 1942, nos aproximam de um dos maiores eventos traumáticos que a humanidade já presenciou: o extermínio de milhões de pessoas pelas mãos do regime nazista de Hitler. O Holocausto, como explica Assmann, não é uma questão de memória cultural, mas sim coletiva e vinculante, que pertence à esfera da identidade política universal.

O horizonte da memória vinculante coletiva está determinado por fórmulas e figuras da lembrança, “que geram o sentido de comunidade, e pelas necessidades mnemônicas de uma identidade nossa claramente definida” (Assmann, 2008, p. 41-3) e, por isso, seu mandamento mnemônico, nesse caso, é “Auschwitz, nunca mais”. Na base da memória vinculante, ao contrário do que acontece com a memória cultural, o passado sempre se “instrumentaliza” e estabelece relações impositivas e reiterativas com outros indivíduos e acontecimentos. O Holocausto extrapola a fronteira entre as vítimas e os algozes, assumindo uma dimensão de passado normativo de uma memória vinculante que sob nenhuma hipótese pode ou deve se esquecer. Nesse sentido, a morte de Olga se torna emblemática.

Revista Literatura em Debate, v. 4, Dossiê Especial, p. 40-48, jan., 2010. Recebido em 25 out.; aceito em 10 nov.

Retomando o mesmo período, mas em um ponto de acesso inverso, *Elza, a Garota* conta a trajetória de outra protagonista: Elvira Cupello Calônio, conhecida também pelo codinome Elza Fernandes ou, simplesmente, como a Garota. Com idade incerta que, de acordo com os documentos oficiais, podia variar entre dezesseis a vinte e um anos, “Elvira, Elza, a Garota” nasceu em uma casa humilde, no interior de São Paulo. Assim como Olga, Elza vinha a ser companheira de uma figura importante da época: o dirigente do Partido Comunista do Brasil, Antônio Maciel Bonfim, o Miranda. Seu fim não foi menos trágico: com o início das prisões, a figura de Elza foi posta em evidência quanto à sua fidelidade ao Partido. Foi julgada como delatora, suspeita de haver denunciado os locais onde os militantes estavam escondidos, e assassinada por seus companheiros, em 1936, em um processo de “justiçamento” do Partido Comunista.

Em relação à obra *Elza, a Garota*, as lacunas parecem maiores, já que sua trajetória é dividida entre o contar dos fatos históricos e outra narrativa localizada em tempos mais próximos aos dias de hoje. Na obra, concomitantemente, acompanhamos a vida de Molina, um jornalista-autor em crise que inicia uma entrevista com um misterioso homem, que se apresenta como Xerxes. Elza aparece nas recordações fragmentadas desse homem, de 94 anos, e nas inserções em itálico que abrem cada capítulo. Nas últimas páginas, há a advertência de que “os textos em itálico que abrem cada capítulo são estritamente jornalísticos, baseados em documentos e entrevistas reais, e neles o uso eventual da primeira pessoa diz respeito ao próprio autor” (Rodrigues, 2009, p. 233). O livro também apresenta uma lista bibliográfica parcial, já que não temos ingresso às referências das cartas e depoimentos, por exemplo. Em entrevista a Daniel Lopes, Sérgio Rodrigues aclara que a princípio *Elza* seria um livro-reportagem, mas, à medida que os fatos foram surgindo e as lacunas aumentando, sugeriu à editora um romance para, em suas palavras, “ter a liberdade de trazer a narrativa até hoje, examinar como aquele Brasil produziu este que está aí” (Rodrigues, 2009b).

A urdidura do texto oferece um emaranhado de caminhos e argumentos documentados que se contradizem e que obrigam a escolhas e explicações do narrador para manter o fio narrativo: após a descoberta do golpe, os dirigentes do Partido foram sendo presos um a um. Elza também, mas por muito pouco tempo. O motivo é incerto: talvez para que a polícia pudesse segui-la, talvez fosse uma tática para gerar a dúvida entre os militantes, ou talvez porque seria menor de idade. Entretanto, um fato foi decisivo para que a suspeita recaísse sobre a sua pessoa: Elza foi liberada para visitar Miranda na prisão em um momento em que não havia concessões.

Ainda atônitos com o fracasso do golpe e com o malogro de todas as medidas de segurança tomadas (os cofres e documentos não foram destruídos como se previa), os dirigentes do Partido decidiram colocar Elza em prisão domiciliar até os fatos serem averiguados. As perguntas eram vitais e de suas respostas dependia o destino de quem ainda não havia sido preso: “Quem foi torturado? Quem denunciou companheiros?” (Rodrigues, 2009, p. 165). Mesmo sem comprovações contundentes de traição, Elza foi declarada culpada, estrangulada, esquartejada e enterrada no quintal de uma casa paulistana, próxima à Estrada de Camboatá.

Rodrigues se ancora em testemunhos que servem de base para a escrita, o que inclui depoimentos e memórias falsificadas, que vão sendo discutidos e apresentados ao longo da narrativa. Cabe ressaltar que não se tem nenhum documento escrito por Elvira, tendo em vista que não sabia ler nem escrever, apenas depoimentos de terceiros. A escassa documentação sobre Elza pertence a um processo maior do tribunal de segurança de quase duas mil páginas que estão disponíveis para consulta. Na época do acontecimento, seu caso foi exposto na imprensa – que denominou de “Tribunal Vermelho” o grupo que decidiu sua morte –, mas foi posteriormente “esquecido”.

Os “silêncios” sobre o episódio, principalmente no que diz respeito à culpabilidade de Luís Carlos Prestes, que se absteve de comentar sobre o fato, também estão registrados em *Elza*. Em 1982, Prestes esboçou uma de suas únicas defesas em uma entrevista publicada no livro *Prestes: lutas e autocríticas*: “Eu não mandei matar Elza. O que ocorreu foi que a polícia ligou a morte dela com uma carta⁵ minha, escrita antes de ser preso, em que eu recomendava punição para os traidores. Quem mandou matar Elza foi o partido” (Rodrigues, 2009, p.

⁵ Sobre o caso Elvira, com a indecisão de executar o que já havia sido decidido, e com a suspeita da traição de Miranda, Prestes foi contundente: “Recebi o bilhete de ontem de Martins, assim como os supostos bilhetes de Miranda. Fui dolorosamente surpreendido pela falta de resolução e vacilação de vocês, porque suponho que o Martins tenha escrito em nome do Secretariado Nacional, que acabava de se reunir. Companheiros, assim não se pode dirigir o Partido do Proletariado, da classe revolucionária consequente. Mesmo sem conhecer os originais dos supostos bilhetes de Miranda, já em carta de ontem, formulei minha opinião a respeito do que precisávamos fazer. Mas supondo que os bilhetes são realmente do punho do Miranda (estou convencido do contrário, como explicarei abaixo), como chegar às conclusões de vocês? Por que modificar a decisão a respeito da Garota? Que tem a ver uma coisa com a outra? Há ou não há traição por parte dela? É ou não é ela perigosíssima ao Partido, como elemento inteiramente a serviço do adversário, conhecedor de muita coisa e testemunha única contra um grande número de companheiros e simpatizantes? Por outro lado, se vocês julgam que os bilhetes são verdadeiros como podem qualificar isso de ‘fraqueza’ do ‘nosso companheiro Miranda’? Traição é traição e tanto maior quanto mais responsável for o traidor. Mas voltemos ao caso da pequena. Com plena consciência de minha responsabilidade, desde os primeiros instantes tendo dado a vocês minha opinião sobre o que fazer com ela. Por isso não compreendo as vacilações de vocês. O Secretariado Nacional é soberano e suas decisões não devem ficar à ‘espera da opinião de vocês, que deve ser definitiva’, como diz o Martins em sua carta. Uma tal linguagem não é digna dos chefes do nosso Partido, porque é a linguagem dos medrosos, incapazes de uma decisão, temerosos ante a responsabilidade. Ou bem vocês concordam com as medidas extremas, e neste caso já as deviam ter resolutamente posto em prática, ou então discordam e deveriam, portanto, defender corajosamente a opinião própria, não se deixando influenciar por ninguém.” (Rodrigues, 2009, p. 170-1) [grifos meus]. Fernando Morais também registra o bilhete de Prestes, mas apenas uma pequena parte (Cf. Morais, 1994, p. 138).

197). Afinal, fica a pergunta, quem realmente mandou matar Elza? E por que ela morreu? No livro de Rodrigues, é a personagem fictícia Xerxes quem arrisca uma resposta:

A Elza é a heroína que não chegou a ser, a anti-heroína que não chegou a ser. Você entende? Um personagem sem narrativa, uma peça de formato grotesco. Impossível encaixar Elza em qualquer tabuleiro: nem à direita nem à esquerda, nem em cima nem embaixo. Não era para ela estar ali. Elza só nos resta lamentar, como um acidente. É constrangedora, aquilo que sobra, embaraçosamente, depois que a gente subtrai a revolução do atraso, multiplica por uma massa de ignorantes e eleva tudo à potência demagógica. Condenada a viver de favores sexuais e afetivos a seu protetor poderoso, Elza era uma moça ridícula, coitada. Cumpriu a trajetória de tantas colegas de contos de fadas, mas só até certo ponto, porque logo bateu no muro daquilo que não podia compreender. Sua morte não oferece possibilidade de redenção, é uma morte torpe. Elza morreu como uma cadelinha – por engano, por esporte, por despeito, por nada. (Rodrigues, 2009, p. 179)

Fernando Morais e Sérgio Rodrigues, ao contar a história de Olga e Elza, fizeram suas escolhas, passíveis de comprovação, aferições e testes, de acordo com determinados pontos de observação, produzindo uma versão do real, que se aproxima muito mais à verossimilhança que à veracidade e que parte de uma pergunta inicial – explicitada em suas obras. No caso de Morais, a justificativa para iniciar a escrita era de que a história de Olga o atormentava desde a adolescência; no caso de Rodrigues, sua intenção era descobrir quem era a jovem comunista que o Partido matou. As narrativas de *Olga* e *Elza*, a partir de então, reconstroem um “olhar específico” da história e da literatura, por meio de dois vértices: Olga, integrante do Partido Comunista, foi entregue ao governo nazista; Elza, dentro do Partido, foi morta por seus companheiros.

A “biografia romanceada” *Olga* e o “romance jornalístico” *Elza, a Garota* recorrem à literatura para preencher os espaços em branco daquilo que não conseguem responder. Em relação à história, de acordo com a historiadora Sandra Jatahy Pesavento, no artigo “História e literatura: uma *velha-nova* história” (2006), a literatura proporciona acesso ao imaginário à medida que oferece possibilidades que expressam, por meio da narrativa, um modo de vida, de sentir, de atuar e de pensar, entre outros aspectos, que desvelam vestígios de imagens sensíveis do mundo passado. O texto literário, como fonte histórica, inclusive, como explica Pesavento, pode direcionar a perspectiva do leitor ou do historiador em direção a um ponto ainda não revelado, ou seja, a narrativa ficcional pode revelar e insinuar as veridades das representações ou do simbólico. Para o historiador, o texto literário não imbrica um testemunho de verdade, mas sim um valor de problema.

Não há isenção de posicionamento em nenhuma das obras, isso é evidente. No entanto, é na narrativa que se apresenta como ficção que vislumbramos uma maior liberdade de o-

Revista Literatura em Debate, v. 4, Dossiê Especial, p. 40-48, jan., 2010. Recebido em 25 out.; aceito em 10 nov.

pinião: ao iniciar seus capítulos, mediante a documentação selecionada, Sérgio Rodrigues esmiúça as contradições e idiossincrasias das personagens e dos fatos históricos. De acordo com Pesavento (2006), não há como repetir com perfeição a experiência do vivido na reconstrução histórica da narrativa, nem ao menos manter uma total neutralidade diante do objeto. Cada época percebe a mesma personagem e o mesmo fato histórico de distintos ângulos, utilizando diferentes metodologias e concepções, já que o discurso histórico depende de uma interpretação de suas fontes. Morais e Rodrigues utilizam fontes similares, mas marcam seus pontos de vista de forma diversa. Luís Carlos Prestes é o exemplo maior: ao passo que na obra de Morais é exaltado como o verdadeiro Cavaleiro da Esperança, na de Rodrigues é suspeito de ter sido o estopim da morte de Elza.

Apesar de ainda não termos como responder a maioria das perguntas sobre a vida de Olga e de Elza, as narrativas de Fernando Morais e Sérgio Rodrigues, sem dúvida, complementam-se e estabelecem novos campos de investigação. Duas vozes que foram silenciadas retornam ao debate, por meio da escritura, permitindo a transmissão do conhecimento, da aprendizagem, da pesquisa e da prática, porque, como afirmou Assmann (2008, p. 44), assim se faz necessário para que a sociedade se sustente e para que os acontecimentos sejam perpetuados e inseridos no patrimônio da memória cultural.

Referências

ASSMANN, Jan. *Religión y memoria cultural*. Diez estudios. Trad. de Marcelo G. Burello e Karen Saban. Buenos Ayres: Lilmod, Libros de la Araucaria, 2008.

MORAIS, Fernando. *Olga*. 17. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. História & literatura: uma *velha-nova* história. *Nuevo Mundo Mundos Nuevos* [On-line], Debates, 2006. Disponível em: <<http://nuevomundo.revues.org/index1560.html>>. Acesso em: 28 jan. 2008.

RODRIGUES, Sérgio. *Elza, a Garota: a história da jovem comunista que o Partido matou*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

_____. Resgatando Elza. In: *Amalgama*. Entrevista concedida a Daniel Lopes. Disponível em: <<http://www.amalgama.blog.br/07/2009/resgatando-elza-entrevista-com-sergio-rodrigues/>>. Acesso em: 10 out. 2009b.